

**#BrequedosApps:
crise no compartilhamento e movimentos sociais**

***#BrequedosApps:
sharing crisis and social movements***

Fernanda Gabriela de Andrade COUTINHO¹
Priscila Kalinke da SILVA²

Resumo

As plataformas de compartilhamento, sobretudo mediados pelos aplicativos de entrega, cresceram rapidamente no Brasil e no mundo, mas seus objetivos iniciais em possibilitar oportunidades à coletividade foram contestados por diversos trabalhadores que viram suas condições de trabalho se precarizarem velozmente. Esta pesquisa tem por finalidade compreender as razões pelas quais este modelo de compartilhamento tem sido questionado, culminando no movimento BrequedosApps em 01 de julho de 2020, no Brasil. Para sustentar teoricamente, o estudo foi embasado no conceito de economia compartilhada e de formação de redes. Com este subsídio teórico, foi realizado o estudo de caso do movimento BrequedosApps. Assim, foi possível observar os principais motivos que levaram à mobilização, como a redução da remuneração e a falta de assistência apropriada das plataformas junto aos entregadores, durante a pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Movimentos Sociais. Economia Compartilhada. BrequedosApps.

Abstract

Sharing platforms, especially mediated by delivery apps, have grown rapidly in Brazil and around the world, but their initial objectives in enabling opportunities for collectivity have been challenged by many workers who have seen their working conditions rapidly deteriorate. This research aims to understand the reasons why this sharing model has been questioned, culminating in the BrequedosApps movement on July 1, 2020, in Brazil. To sustain theoretically, the study was based on the concept of sharing economy and network formation. With this theoretical support, the case study of the BrequedosApps movement was carried out. Thus, it was possible to observe the main reasons that led to the mobilization, such as the reduction of remuneration and the lack of appropriate assistance from the platforms to the deliverers, during the Covid-19 pandemic.

Keywords: Social movements. Sharing Economy. BrequedosApps.

¹ Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Unicesumar.
E-mail: fgabriela.professora@gmail.com

² Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da UEMG-Frutal.
E-mail: prikalinke@yahoo.com.br

Introdução

As plataformas tornaram-se um mercado fundamental para a implantação de entregas *à delivery*, um formato que vem se destacando no Brasil e no mundo, como observa Oliveira et. al. (2019). Este novo modelo de negócios pode ser considerado como integrante dos padrões da economia compartilhada e se orienta como uma organização empresarial mais horizontal, por exemplo com a flexibilização dos sistemas de trabalho. Ainda, de acordo com Bauwens (2005), segue um molde que visa um propósito comum e não, necessariamente, em aspectos econômicos, pois a motivação principal do sistema é centrar-se nas relações sociais.

A economia compartilhada ganhou força por ser mais uma alternativa ao sistema capitalista vigente, sobretudo na conjuntura da crise no setor econômico que atingiu aos Estados Unidos em 2018 e trouxe consequências a parte da economia mundial. Embora o conceito não seja consensual, a economia compartilhada tem algumas vertentes (BENKLER, 2004; LESSING, 2009; BOTSMAN, ROGERS, 2011; SUNDARAJAN, 2016) que se orientam espacialmente para: o bem comum; um relacionamento de maior confiança entre os envolvidos no processo; facilitar trocas; flexibilizar os serviços e os modos de trabalho; e criar redes de conexão entre uma multidão descentralizada.

Seguindo esta lógica, Gansky (2011) enfatiza que a ideia de compartilhar leva à formação de redes, cujas conexões podem ir para diversas direções e podem se vincular com outros nós disponíveis dentro deste sistema, possuindo peculiaridades como: a) a própria disposição dos bens, serviços e ideias serem compartilhados; b) as mídias sociais digitais contribuem para a distribuição de conteúdos entre os atores da rede; c) o quão ágil é a rede; d) a avaliação dos usuários servem de publicidade para o negócio; e e) é uma economia de rede global.

A proposta inicial deste modelo mostrou-se interessante, porém alguns de seus desdobramentos podem ter sido desvirtuados, por exemplo a explosão dos aplicativos, que em muitos casos deixou de ser uma boa oportunidade de inovação tecnológica e uma boa chance para a formação saudável de redes entre usuários, prestadores de serviços e entregadores para se tornar uma prática exploratória e cansativa para os trabalhadores, embora ainda é perceptível que há uma conotação positiva de incentivar o empreendedorismo e oportunidades, como destaca Abílio (2020).

Esta situação de insatisfação especialmente em relação aos entregadores somada à dificuldade amplificada pela pandemia da Covid-19 resultara em mobilizações as quais podemos fazer um paralelo com o conceito de redes de Castells (2013), passando da indignação à esperança. Em outras palavras, de movimentos de indignação quanto ao processo de precarização dos serviços à esperança pautada em mobilizações organizadas em uma tentativa de melhores condições de trabalho. Para estes movimentos, as mídias sociais, em especial o *Twitter*, foram empregados para convidar adeptos à causa para criar conexões entre indivíduos, empresas, organizações e entregadores em torno destas reivindicações, buscando uma rede mais horizontal e solidária entre os sujeitos.

Neste sentido, o objetivo do artigo é compreender o contexto da economia do compartilhamento a fim de analisar as razões pelas quais este modelo foi contestado, sobretudo quanto às plataformas de entrega, culminando no movimento BrequedosApps em 01 de julho de 2020, no Brasil. Para atingir a esta finalidade, nos apropriamos da pesquisa bibliográfica para sustentar teoricamente este estudo sobre economia compartilhada e as plataformas de entrega. Mediante este aporte teórico, foi realizado um estudo de caso do movimento em rede BrequedosApps visando entender como o aparente modelo de oportunidades levou ao descontentamento e à exaustão de trabalhadores, o que ficou ainda mais evidente no período da pandemia do novo coronavírus no país.

O papel dos entregadores: economia do compartilhamento e o contexto do surgimento dos aplicativos de entrega

O crescimento do modelo econômico baseado na economia compartilhada (CHASE, 2015), ou ainda, economia de plataforma (SCHOR, 2014), também conhecido como capitalismo de multidão (SUNDARARAJAN, 2016), propiciou transformações das relações de troca que culminaram em novas formas de trabalho baseadas em demanda e gerenciadas pela tecnologia. Questões econômicas, políticas, socioculturais, bem como tecnológicas impulsionaram esse tipo de prática que pode ser compreendida sob diferentes perspectivas.

Por não possuir uma única definição, o modelo de compartilhamento pode ser compreendido dentro de uma concepção mais otimista, como uma forma de partilhar bens e serviços, sem que necessariamente haja a posse dos mesmos, sendo desta forma um consumo colaborativo (BOSTMAN; ROGERS, 2011; STEPHANY, 2015). Porém, o

modelo de compartilhamento também traz alguns questionamentos no sentido de que este formato, apesar de propor um aspecto mais relacional entre os atores envolvidos no processo, em que ambos teriam suas necessidades atendidas de forma equivalente, isso não ocorre em alguns formatos, como no caso dos aplicativos de entrega de comida.

Conforme Geissinger, Laurell e Sandström (2018), os aplicativos de entrega de comida surgem como um modelo dentro do contexto da economia compartilhada. Isso pode ser observado já que mediados por uma plataforma, usuários podem escolher a comida que querem comprar, em algum estabelecimento, e a entrega também funciona de forma mediada, já que o entregador, cadastrado nessa plataforma, seleciona as entregas que pode fazer e as realiza.

Porém, não há uma relação igual entre consumidores, entregadores, aplicativos e empresas fornecedoras, pois apesar de se apresentarem vantagens desse modelo como uma possibilidade de flexibilização e otimização dos serviços, o que tem se observado é o aprofundamento das desigualdades, conforme aponta Cockayne (2016) e, também, a precarização do trabalho (ANTUNES, 2019; SANTOS, 2020; SLEE, 2017)

Neste sentido, o modelo de compartilhamento pode ser conceituado como uma rede de distribuição, onde há uma relação mais horizontal e não hierárquica entre os usuários e os prestadores de serviços e entre trabalhadores e empresários (BAUWENS, 2005). A implicação que se observa, no entanto, é que mesmo não possuindo uma relação hierárquica, os trabalhadores estão, conforme Abílio (2020a), sujeitos a um gerenciamento das plataformas de aplicativos, que controlam a quantidade, o tempo de realização do serviço, bem como estabelecem metas e até mesmo punições, como expulsão da plataforma, caso não cumpram algumas regras estabelecidas. Esse sistema de monitoramento ocorre por meio dos algoritmos que são implementados nessas plataformas e que conforme (GILLESPIE, 2018) os usuários acabam organizando suas práticas de acordo com os algoritmos a que estão atrelados.

Dentro do conceito economia compartilhada ou de multidão descrito por Sundararajan (2016), o propósito está justamente na descentralização dos processos, com uma diminuição de barreiras entre o pessoal e o profissional e com modelos de trabalho não formais e mais flexíveis, que são apontados como vantagens pelo autor, como uma forma de autonomia que os indivíduos podem obter dentro desses novos formatos de negócio. Isso tem sido observado com a crescente adesão dos *apps* de entrega de comida no Brasil, tanto por consumidores como pelos próprios entregadores.

O crescimento do sistema de entrega de comidas alcançou números expressivos, movimentando, segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL, 2020) R\$15 bilhões em 2019, representando tanto a entrega por aplicativos, telefone ou plataformas próprias das empresas. O sistema de entregas via *apps* vem modificando mercados em todo o mundo, com uma concorrência agressiva entre eles e que envolvem grandes *players* do mercado mundial que tem utilizado essa modalidade de entrega para se manterem competitivos em seus segmentos (WATERS, 2020). No *ranking* dos aplicativos mais pesquisados em 2019 no Brasil, o *Ifood* teve 1,2 milhão de pesquisas mensais; o *Uber Eats*, 236 mil; *Rappi*, 183 mil; o *Loggi* 90,5 mil e o *Eu entrego* 3,2 mil, sendo os dois primeiros mais voltados para entrega de comida.

Além disso, o sistema também trouxe um formato de trabalho diferenciado, uma mão-de-obra ativada digitalmente, que participa do sistema, mas não possui vínculos empregatícios. Dados da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que em 2018 pessoas que trabalham por conta própria em *delivery* aumentou 104,2 % e no primeiro trimestre de 2019, houve um aumento de 201 mil pessoas em relação ao ano anterior (IPEA, 2020).

Esse sistema de entrega é alimentado pelas mudanças socioculturais, bem como tecnológicas, onde indivíduos têm procurado cada vez mais facilidade e conseguem observar do *delivery* por meio de *apps* uma forma diferenciada e rápida de realizarem pedidos. Assim, muitos restaurantes tiveram que se adaptar a essa nova realidade, já que as entregas, antes realizadas de outros modos, ganhou grande volume por meio dos *apps*.

Mas o que se percebe é que mesmo com o aumento da demanda por entregadores dentro dessa nova realidade, o que se observa é que esse “novo” trabalho, visto como uma oportunidade de flexibilidade e autogerenciamento pelos aplicativos de entrega, tem produzido desigualdades econômicas e sociais, justamente por esses entregadores não gozarem de fato de um trabalho seguro e que lhes garantam uma remuneração justa e compensatória.

Neste sentido há muitas críticas ao modelo de compartilhamento, que para autores como BARDHI e ECKHARDT (2012) tem se distanciado do propósito original, onde essa colaboração não corresponde mais a proposta desses modelos de negócio, como no caso dos aplicativos de entrega. Assim, as autoras compreendem esses modelos como uma economia do acesso, que se caracteriza dentro de uma visão utilitarista, onde a

preocupação está fundada na obtenção de um produto ou serviço e não no aspecto relacional e social dos atores envolvidos.

Desta forma, percebe-se que esse modelo de plataformas tem prescrito novos modelos de negócio causando mudanças estruturais significativas em diversos segmentos. No caso dos aplicativos de entrega, embora já existisse muito antes desse cenário, a figura do entregador ou do motoboy, o “novo” perfil de entregador se construiu no âmbito dessa nova economia, também denominada *gig economy*, que são os trabalhadores independentes ou *freelancer*. A grande questão é a lógica que está por trás desse novo formato de trabalho, dando a impressão de uma autonomia por parte dos entregadores, onde eles podem escolher onde, quando e como querem entregar, mas que tem encoberto a real condição desse trabalho de plataforma e toda a sua instabilidade e insegurança (SLEE, 2017).

Com isso, pode-se perceber que esses modelos gerados a partir da economia compartilhada, não tem se distanciado da estrutura capitalista em vigor, onde há concentração de riquezas e os lucros auferidos em geral estão nas mãos dos grandes empresários, que nesse caso seriam os donos de restaurantes e outros estabelecimentos que utilizam o serviço de entrega e ainda, as empresas que gerenciam as plataformas de entrega. Por esse motivo SLEE (2017) enxerga com certa desconfiança o modelo de compartilhamento, justamente por essa desigualdade nas relações estabelecidas entre os atores, que destruiu o senso de comunidade, acelerou de certa forma o consumo e ainda levou a precarização do trabalho.

Os entregadores têm sido atraídos para as plataformas por um discurso de colaboração, que segundo Costa (2020) é utilizado pelas empresas para valer-se de valores como coletividade e trabalho, sendo assim, este tipo de serviço acaba sendo visto como uma oportunidade de trabalho que vai além dos ganhos financeiros e que podem promover uma gestão dos trabalhadores do seu próprio trabalho, mas que, na verdade, tem apenas, conforme afirma Antunes (2019), mantido a lógica neoliberal, promovendo a informalidade e a precariedade do trabalho sob a sustentação do conceito de “trabalho para si” ou “seja seu próprio patrão”.

Mas é possível observar movimentos que surgem, cada vez mais fortes, que têm lutado contra essa nova lógica de trabalho e questionando o modelo de compartilhamento por plataformas. Em muitos países isso já vem ocorrendo e no Brasil, principalmente com a crise sanitária gerada pela pandemia da Covid-19, os problemas desse modelo ficaram

mais evidentes, principalmente pela insuficiência de equipamentos de proteção, falta de segurança e a instabilidade nas entregas, principalmente durante o período de isolamento social, levando os entregadores e alguns setores da sociedade a questionarem essa estrutura vigente, gerando movimentos e reações nas mídias sociais, como por exemplo o movimento BrequedosApps.

Movimentos sociais e a formação de redes: BrequedosApps e a contestação do modelo de trabalho estabelecido por plataformas de compartilhamento

O movimento intitulado BrequedosApps foi realizado no Brasil no dia 01 de julho do ano de 2020, inspirado em outros movimentos semelhantes que começaram a se mobilizar com a organização de entregadores pelo mundo (GROHMANN; ALVES, 2020), tendo como principal pauta a melhora nas condições de trabalho dos entregadores de aplicativos.

Esse movimento foi formado pelos próprios entregadores, mas também com o apoio de associações, alguns sindicatos, de políticos da esquerda, professores e pesquisadores e até mesmo de personalidades influentes no cenário nacional. Mas para entender o movimento e como ele conseguiu criar redes de comunicação na internet por meio do compartilhamento de diversas informações, é preciso compreender as motivações que levaram a essa greve geral dos entregadores de aplicativos.

O modelo de trabalho originado pela economia do compartilhamento começou a desmoronar, conforme Bacoccina (2020), a partir do momento que o discurso difundido pelas plataformas construídas sob esse formato não condizia com a real situação implementada por elas. Conforme a autora, a falácia de que a posse daria lugar ao uso, promovendo um contato direto entre ofertantes e consumidores para atender a demanda de ambos, sem intermediários, na prática, se transformou em uma “economia da intermediação”.

As consequências drásticas dessa situação levaram a acumulação de lucros por parte dessas plataformas, onde os restaurantes pagam em média 27% aos aplicativos, mas a grande questão é que apenas uma parte dessa porcentagem volta para o entregador (BACOCINA, 2020), e ainda, na maior parte dos aplicativos não há transparência de como é feito cálculo dos valores pagos pelas entregas realizadas.

Desta forma, o surgimento do movimento condiz com a afirmação de Castells (2013, p.161) onde “geralmente se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana para a maioria das pessoas”. O efeito da chamada “uberização”, neologismo que pode ser entendido como precarização do trabalho, conforme Abílio (2020b, p.112), traduz-se em “um amplo processo de informalização do trabalho, processo que traz mudanças qualitativas para a própria definição de trabalho informal”, deixou claro que a pauta proposta pelo movimento do BrequedosApps está fundamentada na busca por melhorias no sistema de entregas, nas condições de trabalho e segurança e também na busca por alternativas a essa centralização do controle feito pelas plataformas.

Os aplicativos de entrega de comida estão em crescimento e já há, conforme Waters (2020), uma disputa das grandes empresas de plataformas que atuam nesse mercado, tanto no Brasil, como em alguns países da América Latina e nos Estados Unidos. Considerado como um fenômeno global, conforme Oliveira *et al.* (2019), os *apps* de transporte e de entrega de comida poderão ter um faturamento em 2023 que chegará a 130 bilhões de dólares, onde a China lidera o mercado, seguida pela União Europeia e Estados Unidos (OLIVEIRA, *et al.*, 2019).

No caso do Brasil, essas plataformas têm crescido, principalmente pelo contexto econômico e social, com a crise que se iniciou a partir de 2014, aumentando o desemprego e diminuindo a renda, fazendo com que as pessoas procurassem além de serviços mais baratos, por formas alternativas de trabalho (OLIVEIRA, *et al.*, 2019). A utilização dos aplicativos de entrega de comida no país é recente e começou a ganhar forma a partir de 2011 com a entrada do *Ifood*, que continua com forte reconhecimento no mercado, sendo, conforme EcommerceBrasil (2020), um dos *apps* mais procurados nos mecanismos de busca em 2019, seguido pelo *Uber Eats*, *Rappi*, *Loggi* e *Eu entrego*.

Apesar do crescimento do consumo por aplicativos e conseqüentemente do aumento no número de entregadores que atuam nessas plataformas, as frágeis condições de trabalho e a baixa remuneração deixam evidentes as desigualdades desveladas nesse sistema. A maioria dos indivíduos que aderem a esse tipo de trabalho o fazem por necessidade e não por oportunidade, como pregam as grandes plataformas. A pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revela que dos 23,8 milhões de trabalhadores autônomos, 17%, ou seja, cerca de 3,8 milhões são entregadores por aplicativos (IPEA, 2020).

Com a pandemia da Covid-19, a demanda por entregadores aumentou ainda mais, no entanto, a crise sanitária mundial acabou por desvelar os reais problemas enfrentados por esses trabalhadores. Com o aumento das entregas durante a pandemia, houve maior número de trabalhadores que se cadastraram nas plataformas e isso fez com que o valor das entregas diminuísse, já que a concorrência por esse tipo de trabalho aumentou. Além disso, esses trabalhadores ficaram expostos nesse período, sem os equipamentos de proteção necessários. Outra questão que ficou evidente, conforme apontam Grohmann e Alves (2020) foi o sistema de vigilância dessas plataformas, a extração de dados e, também, a gestão do trabalho por meio de algoritmos.

A partir desse contexto é possível observar a formação de um movimento por meio das redes, conforme proposto por Castells (2013, p.171) cujas “redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir”. Esses movimentos vão além do espaço digital e objetivam um projeto de transformação de pessoas em sujeitos que tenham sua própria vida e que possam declarar uma autonomia em relação as instituições que constituem a sociedade (CASTELLS, 2013). As principais reivindicações dos entregadores são: o aumento do valor das corridas; aumento do valor mínimo de entrega; seguro de vida contra acidentes e roubo; término do bloqueio e desligamentos indevidos de entregadores; e ajuda de custo e materiais de proteção contra a Covid-19.

Deste modo, a formação do BrequedosApps por meio dessas redes possuem algumas características apontadas por Castells (2013): a) são conectadas em rede de diversas formas; b) são movimentos que ocupam o espaço urbano; c) são movimentos locais e globais ao mesmo tempo; d) são atemporais; e) espontâneos em sua origem, provocados por alguma fagulha de indignação; f) são movimentos virais; g) vão da indignação a esperança por meio da determinação de um espaço de autonomia; h) criam companheirismo; i) com a horizontalidade das redes, reduz-se a necessidade de uma liderança formal, possibilitando a cooperação e solidariedade; j) são movimentos autorreflexivos; l) a princípio não violentos; m) raramente programáticos; n) direcionados para uma mudança de valor na sociedade; o) e políticos, em um sentido fundamental.

Alguns grupos de entregadores já tinham se formado antes da paralisação de 01 de julho, principalmente utilizando aplicativos de mensagens como o *WhatsApp* (GROHMANN; ALVES, 2020) para trocarem informações e ainda discutirem possíveis caminhos para a situação de trabalho que já vinham enfrentando. Para organizarem a

paralisação utilizaram, além do *WhatsApp*, outras mídias sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

A partir desse ponto é possível observar uma rede multimodal conforme Castells (2013), que conecta se refere tanto a redes *online* como *offline* construídas tanto previamente e durante o movimento. As mensagens foram construídas principalmente pelos próprios entregadores e foram replicadas por outros apoiadores e adeptos aos movimentos, incluindo associações, sindicatos e outros profissionais e personalidades. Nas figuras a seguir, é possível verificar algumas dessas mensagens ressaltando os motivos que levaram ao movimento, principalmente, a indignação do trabalho precarizado, revestido de uma ideia de um falso empreendedorismo para os entregadores.



Figura 1 – 1 de Julho - #BrequedosApps
Fonte: Twitter Treta noTrampo



Figura 2 - BrequedosApps
Fonte: Twitter Mídia Ninja

O BrequedosApps, programada durante mais de um mês por meio dos grupos de mensagens de entregadores e difundida pelas redes digitais, teve a duração de mais de sete horas, na cidade de São Paulo (SOPRANA; BRIGATTI, 2020), com a adesão de centenas de motoboys e ciclistas que carregavam suas mochilas de entrega pelas ruas da cidade, com apoio de sindicatos e associações da categoria. Além da cidade houve também registro do movimento em outras capitais como Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre (SOPRANA; BRIGATTI, 2020).

A manifestação na cidade Paulista do dia 01 de julho ocupou avenidas importantes, além de outros espaços significativos como o TRT (Tribunal Regional do Trabalho) e o vão-livre do MASP (Museu de Arte de São Paulo), o que corresponde o que afirma

Castells (2013, p. 164) em que “o espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto”.

O movimento do BrequedosApps apesar de local, também pode ser considerado global, pois as reivindicações estão conectadas com outras formas de mobilização e experiências pelo mundo, onde além dos movimentos supracitados em outros países, é possível verificar, conforme Grohmann e Alves (2020) muitos elementos comuns entre entregadores brasileiros, com entregadores da Indonésia, África do Sul e até mesmo na Inglaterra, onde neste caso há migrantes brasileiros. Assim, segundo Castells (2013) mesmo que haja uma identidade de um movimento local, com pautas específicas, há uma constituição de redes que são globais.

Com relação ao tempo atemporal apresentado por Castells (2013) é possível observar a continuidade dos protestos na ocupação dos espaços pelas cidades do país, ocorridos em julho e com novas manifestações já projetadas para outubro, mostrando que as discussões realizadas são ilimitadas e não estão concentradas em um único momento e que devem se estender como novas formas que emergem a partir do movimento.

Esses movimentos surgiram de forma espontânea entre os entregadores, onde a fagulha da indignação foi acionada a partir da pandemia, onde ficou evidenciado os problemas que os trabalhadores já vinham enfrentando, mas que com a crise sanitária mundial se agravou. A pesquisa realizada por Abílio *et al* (2020c) mostra que entre os entregadores entrevistados, houve aumento das horas de trabalho, se estendendo até doze horas por dia e ao mesmo tempo, redução da remuneração, conforme 58,6% dos entrevistados; além disso, 57,7% dos entrevistados afirmam não ter recebido apoio das empresas de plataforma para diminuírem os riscos de contaminação.

A capacidade viral do movimento pode ser observada nessa lógica de redes. As mensagens, bem como reportagens não prefiguraram nos grandes canais e portais de comunicação, mas principalmente entre pessoas comuns, muitas delas consumidores, que aceitaram o apelo dos entregadores para não pedirem comida por aplicativos no dia do BrequedosApps, em 01 de julho. Muitas postagens se espalharam pelas principais redes digitais e ganharam a adesão de partidos políticos, e dos próprios políticos, de associações, profissionais de diversas áreas e personalidades reconhecidas no cenário nacional e alguns influenciadores digitais. A “#BrequedosApps” viralizou pelas redes por meio de inúmeras mensagens de apoio ao movimento.

É possível perceber no movimento a passagem da indignação à esperança em um espaço da autonomia, na qual esta “refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses” (CASTELLS, 2013, p.172).

Apesar de ter alguns representantes, como Paulo Lima, do Grupo “Entregadores Antifascistas”, e que está de alguma forma ligado a grupos e políticos de esquerda; e da adesão de grupos, associações e sindicatos, o movimento em si pode ser considerado autônomo, formado pelos próprios entregadores, que estabeleceram um certo companheirismo em torno das pautas reivindicadas, onde há nesses movimentos, segundo Grohmann e Alves (2020), “intensa solidariedade, de organização coletiva, que o trabalhador se vê como trabalhador, e vê na luta de outros trabalhadores também sua própria luta”. Assim, mesmo com uma organização ainda principiante, é possível observar a horizontalidade, que possibilita a cooperação na luta em torno da plataformização do trabalho.

Cabe ressaltar ainda a autorreflexão do movimento no sentido de manter constante as pautas e verificar o que realmente se tem almejado e que mudanças se objetivam promover, mantendo discussões em diferentes espaços democráticos para estabelecerem as deliberações que se fazem necessárias para a permanência do movimento.

Apesar da paralisação em diversas cidades pelo país, o movimento ocorreu de certa forma pacífico no que tange à violência física, e evitou-se, portanto, uma exposição desnecessária para a promoção de um espetáculo nas grandes mídias. Mesmo com uma pauta própria, não é possível separar essas manifestações do momento político que o país atravessa e de alguma maneira, alguns discursos antigoverno acabam surgindo em meio aos gritos e mensagens dos manifestantes. Mas essa questão conflituosa não afetou diretamente aos movimentos de forma a prejudicar ou encobrir as principais reivindicações dos entregadores.

O BrequedosApps não deve ser considerado um movimento programado, pois surgiu a partir de uma pauta comum, mas como já discutido, sem uma liderança específica e assim, segundo Castells (2013) não há um programa elaborado, com objetivos específicos. No entanto, estão voltados para uma mudança de valores socioculturais, aqui, especificamente, pela mudança no valor do trabalho, do que ele representa para as pessoas e como ele deve ser estabelecido na sociedade.

E por fim, pode ser considerado político, quando, nesse caso, há uma busca dos entregadores no sentido de regulamentar esse trabalho de plataforma, mas também de instituir uma autogestão por meio do cooperativismo de plataforma (SCHOLZ, 2016), inspirado em outros modelos, como as cooperativas da Europa (SCHEREIBER, 2020). Desta forma, Grohmann e Alves (2020) afirmam que “a organização dos entregadores está se compondo técnica, social e politicamente”.

Em uma entrevista a uma reportagem (FOLHAPRESS, 2020) sobre a organização de outra paralisação, no dia 25 de julho, os principais aplicativos informaram que é legítima a pressão por parte dos entregadores, mas reafirmaram que já têm recursos destinados a reembolsos para despesas médicas dos entregadores. Contudo, não fica clara a aplicação destes recursos e as empresas não respondem a todas as demandas pautadas na mobilização. A empresa *Rappi* admitiu reavaliar seu sistema de pontuação (uma das reivindicações dos entregadores), passando o acúmulo de pontos semanal para mensal. De toda forma, a pressão nas mídias sociais colabora para este movimento de mudanças de melhores condições de trabalho porque expõe marcas e torna mais clara a precarização permitida nos contratos entre empresa e empregados.

A partir desse entendimento é possível observar a importância da organização nas mídias sociais a construção desse movimento e como a comunicação estabelecida pelas mensagens criadas e transmitidas por meio das redes digitais, formando um complexo ecossistema, conforme Recuero, Bastos, Zago (2018), e que são capazes de produzir informações que são essenciais para a criação e manutenção dos movimentos sociais.

Considerações finais

A economia da intermediação levou a consequências severas aos entregadores com a ampliação do lucro por parte das plataformas e a falta de transparência quanto aos cálculos sobre os valores pagos aos trabalhadores nas entregas efetivadas. A fragilidade dos contratos de trabalho e a baixa remuneração alargaram os processos de desigualdade no país.

Durante o período da pandemia da Covid-19, os entregadores se tornaram um dos grupos mais vulneráveis ao vírus, sobretudo pelo aumento de pedidos à delivery e a falta de assistência adequada aos trabalhadores quanto à higiene e à saúde por parte das empresas de aplicativos.

Esse movimento de indignação ganhou força nas redes de mídias digitais, que foram decisivas para a articulação da paralização de 01 de julho de 2020, cujas mensagens foram replicadas e amplificadas por apoiadores como associações, sindicatos, profissionais do setor e personalidades. A hashtag BrequedosApps viralizou e se tornou um dos principais assuntos no Twitter no dia.

Da indignação, os movimentos do setor visaram ser uma fagulha de esperança pela conquista de melhor regulamentação do trabalho de entregadores de plataformas, pela maior transparência sobre os cálculos das entregas e pelo respeito das empresas e consumidores que utilizam os serviços destes profissionais.

Referências

ABÍLIO, Ludmila C. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. **Blog da Boitempo**, 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/> Acesso em 07 jun. 2020.

ABÍLIO, Ludmila C. Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*. **Estudos Avançados**. v.34. n.98. São Paulo, 2020b.

ABÍLIO, Ludmila C.; ALMEIDA, Paulo F.; AMORIM, Henrique; CARDOSO, Ana Claudia M.; FONSECA, Vanessa P. da; KALIL, Renan B.; MACHADO, Sidnei. Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a Covid-19. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, EDIÇÃO ESPECIAL – DOSSIÊ COVID-19, 2020c, p. 1-21.

ABRASEL. **Do celular à mesa**: como os apps de delivery transformaram o mercado de bares e restaurantes, 2020. Disponível em: <<https://abrase.com.br/noticias/noticias/do-celular-a-mesa-como-os-apps-de-delivery-transformam-o-mercado-de-bares-e-restaurantes/#:~:text=Em%202019%2C%20o%20mercado%20de,%C3%A9%20registrar%20R%2418%20bilh%C3%B5es.>> Acesso em 01 Jun 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**: trabalho digital, autogestão, expropriação da vida, o mosaico da exploração. São Paulo: Boitempo, 2019.

BACCOCINA, Denize. Greve dos entregadores escancarou a falácia da economia do compartilhamento. **El País Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-07-27/greve-dos-entregadores-escancarou-a-falacia-da-economia-do-compartilhamento.html>> Acesso em 01 ago. 2020.

BARDHI, Fleura; ECKHARDT, Giana M. Access-based consumption: the case of car sharing. **Journal of Consumer Research**, v. 39, n. 4, p.881-898, 2012.

BAUWENS, Michel. **The political economy of peer production**. Disponível em: <<https://www.informatik.uni-leipzig.de/~graebe/Texte/Bauwens-06.pdf>> Jan, 2005.

BENKLER, Yoshai. Sharing nicely: on shareable goods and the emergence of sharing as a modality of economic production. **Yale Law Journal**, v.114, 2004.

BOTSMAN, Raquel; ROO, Rogers. **O que é meu é seu**: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo. Porto Alegre: Bookman, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHASE, Robin. **Economia compartilhada**: como as pessoas e plataformas da Peers Inc. estão reinventando o capitalismo. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: HSM, 2015.

COCKAYNE, Daniel G. Sharing and neoliberal discourse: the economic function of sharing in the digital on-demand economy. **Geoforum**. v.77, 2016, p.73-82.

COSTA, Nathália Drey. Trabalhe você mesmo: o trabalho “criativo” na sociedade de plataforma. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 2, 2020, p. 42-58.

ECOMMERCEBRASIL. **Pesquisa compara os aplicativos de delivery mais procurados na web**, 2020. Disponível em: <<https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/pesquisa-compara-os-aplicativos-de-delivery-mais-procurados-na-web/>> Acesso em 10 jun. 2020.

FOLHAPRESS. **Entregadores organizam segundo ato contra aplicativos neste sábado (25)**, 2020. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/entregadores-organizam-segundo-ato-contra-aplicativos-no-sabado/148367/>> Acesso em 29 set. 2020.

GANSKY, L. **Mesh**: porque o futuro dos negócios é compartilhar. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books Editora, 2011.

GEISSINGER, Andrea; LAURELL, Christofer; SANDSTRÖN, Christian. Digital disruption beyond Uber and Airbnb – tracking the long tail of the sharing economy. **Technological Forecasting & Social Change**, 2018.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, 2018, p. 95-121.

GROHMANN, Rafael; ALVES, Paula. Quando os entregadores se fazem classe. **Jacobin Brasil**. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/07/quando-os-entregadores-se-fazem-classe/>>. Acesso em 01 ago. 2020.

IPEA. **Número de entregadores cresce 104,2% devido ao desemprego**, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3492
0 Acesso em: 01 Jun 2020.

LESSIG, Lawrence. **Remix**: marketing art and commerce thrive in the hybrid economy. Nova York: Penguin, 2009.

OLIVEIRA, Carol; SALOMÃO, Karin; FONSECA, Mariana; FLACH, Natália. Tudo no aplicativo. **Exame**. ed.1183, 2019.

SANTOS, Marcelo (2020). No Brasil, trabalho de plataforma como sinônimo de precarização é discurso de classe. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 2, p. 94-115.

SCHEREIBER, Mariana. Adeus, iFood!: entregadores tentam criar cooperativa para trabalhar sem patrão. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/bbc/2020/07/27/adeus-ifood-entregadores-tentam-criar-cooperativa-para-trabalhar-sem-patrao.htm>> Acesso em: 15 ago. 2020.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de plataforma**: contestando a economia do compartilhamento corporativa. Tradução: Rafael A. F. Zanatta. São Paulo: Elefante, 2016.

SCHOR, Juliet B. **Debating the sharing economy**. A great transition initiative essay, 2014. <<http://www.greattransition.org/publication/debating-the-sharing-economy>> October, 2014.

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. Trad. João Peres. São Paulo: Elefante, 2017.

SOPRANA, Paula; BRAGATTI, Fernanda (2020). Manifestação de entregadores de app dura sete horas em São Paulo. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/07/protesto-de-entregadores-comeca-com-cerca-de-1000-motoboys-na-marginal-pinheiros.shtml>> Acesso em 25 jul. 2020.

SUNDARARAJAN, Arun. **The Sharing Economy**: the end of employment and the rise of crowd-based capitalism. Cambridge, MA: The MIT Press, 2016.

STEPHANY, Alex. *The business of sharing*: making it in the new sharing economy. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

TWITTER MÍDIA NINJA. Disponível em: <<https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1278345481450655745>> Acesso em 30 jul. 2020.

TWITTER TRETA NO TRAMPO. Disponível em: <<https://twitter.com/tretanotrampo/status/1272233120360783874>> Acesso em: 30 jul. 2020

WATERS, Richard (2020). A guerra dos apps de entrega de comida está só começando. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/a-guerra-dos-apps-deentrega-de-comida-esta-so-comecando.shtml>> Acesso em 01 Jun, 2020.